

volume

27/2

Julho/2022

ICH - UFPel



História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

dossiê: Trabalhadores e Trabalhadoras no passado e no presente





**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitora

Isabela Fernandes Andrade

Vice-Reitora

Ursula Rosa da Silva

Chefe do Gabinete da Reitoria

Aline Ribeiro Paliga

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Eraldo dos Santos Pinheiro

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Rosane Maria dos Santos Brandão

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Paulo Roberto Ferreira Júnior

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Taís Ulrich Fonseca

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Victor Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Eder João Lenardão (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Francieli Moro Stefanello

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e Anelise Levay Murari

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e Maria da Graças Pinto de Britto

Representante da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da Silva Leite Junior

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Lúcia Bergamaschi Costa Weymar (TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João Fernando Igansi Nunes

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Prof^a. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Prof^a Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof^a. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Prof^a. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Prof^a. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Lorena Almeida Gill, Tamires Xavier Soares, Micaele Irene Scheer

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Sapateiro Volcei da Rosa.
Autor: Vinícius Kusma.

Pareceristas ad hoc:

Alisson Droppa (UNICAMP) | Ana Sosa González (UFPe) | Ariel Salvador Roja Fagundez (IFSul) | Caiuá Al-Alam (UNIPAMPA) | Carlos Eduardo Piassini (Colégio Riachuelo – Santa Maria/RS) | Clarice Speranza (UFRGS) | Charles Pennaforte (UFPe) | Eduardo Palermo

(Centro Universitário Rivera) | Éverton Quevedo (CESUCA) | Frederico Duarte Bartz (UFRGS) | Jonas Vargas (UFPe) | Lisiane Manke (UFPe) | Márcia Espig (UFPe) | Marilis Almeida (UFPe) | Melina Perusatto (UFRGS) | Olíveia Nery (UFPe) | Rodrigo Weimer (UFRGS – FEE) | Tatiane Bartmann (UFRGS) | Wanderlene de Freitas Souza Barros (UFAM)

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpe.edu.br

Edição: 2022/1

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online
Computer Library Center | Latindex | Livre:
Revistas de Livre Acesso | International
Standard Serial Number | Worldcat |
Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPe/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS -
CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpe.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpe@gmail.com

* obra publicada em julho de 2022.



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê: Trabalhadores e Trabalhadoras no passado e no presente) / Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v. 27, n. 2, jul. 2022. - Pelotas: UFPel/NDH, 2022 – 193 p. ; 1,9 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Trabalhadores 3. História do Trabalho

CDD: 907

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)s autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO INTRODUCTION <i>Lorena Almeida Gill Tamires Xavier Soares Micaele Irene Scheer</i>	7
DOSSIÊ: TRABALHADORES E TRABALHADORAS NO PASSADO E NO PRESENTE		
	COMBATE À CARESTIA NAS PÁGINAS DA IMPRENSA NEGRA: JORNAL O EXEMPLO (PORTO ALEGRE, 1917-1919) FIGHTING FAMINE IN THE PAGES OF THE BLACK PRESS: NEWSPAPER <i>O EXEMPLO</i> (PORTO ALEGRE, 1917-1919) <i>Liana Severo Ribeiro</i>	9
	TRABALHADORES E REPRESSÃO NO PÓS-ABOLIÇÃO EM ALEGRETE/RS WORKERS AND REPRESSION IN THE POST-ABOLITION IN ALEGRETE/RS <i>Guilherme Vargas Pedroso</i>	24
	TRABALHADORES NEGROS CRIAM UNIÃO FAMILIAR: REVIVENDO O MAIS ANTIGO CLUBE SOCIAL NEGRO DE SANTA MARIA/RS BLACK WORKERS CREATE <i>UNIÃO</i> FAMILIAR: RELIVING ON THE OLDEST BLACK SOCIAL CLUB IN SANTA MARIA/RS <i>Franciele Rocha de Oliveira</i>	42
	“MAÇAROCA” DESIGUAL: A LUTA DAS TECELÃS DA COMPANHIA FIAÇÃO E TECIDOS PELOTENSE PELA REMUNERAÇÃO ESTABELECIDADA POR LEI NA DÉCADA DE 1940 UNEQUAL “MAÇAROCA”: THE STRUGGLE OF THE WEAVERS OF COMPANHIA FIAÇÃO E TECIDOS PELOTENSE FOR THE REMUNERATION ESTABLISHED BY LAW IN THE 1940S <i>Taiane Mendes Taborda</i>	69
	TRABALHO NAS FAZENDAS DE CACAU: NA COSTA DO OURO (GANA) E NO SUL DA BAHIA (1920-1945) WORK ON COCOA FARMS: IN THE GOLD COAST (GHANA) AND IN THE SOUTH OF BAHIA (1920-1945) <i>Luciane Aparecida Goulart</i> <i>Flávio Gonçalves dos Santos</i>	86

- "MINHA GENTE, VAMOS TODOS RECLAMAR": AS DEMANDAS DA CLASSE
TRABALHADORA DE FLORIANÓPOLIS EM *A VERDADE* (1952-1960)**
"MY PEOPLE, LET'S ALL COMPLAIN": THE DEMANDS OF THE WORKING CLASS OF
FLORIANÓPOLIS IN *A VERDADE* (1952-1960)
Jéssica Duarte de Souza **110**

ARTIGOS LIVRES

- AS MEMÓRIAS E SOCIABILIDADES DOS IMIGRANTES BRASILEIROS EM SUAS
CHEGADAS E PRIMEIROS TEMPOS EM TERRAS PARAGUAIAS**
THE MEMORIES AND SOCIABILITIES OF BRAZILIAN IMMIGRANTS IN THEIR
ARRIVALS AND EARLY DAYS IN PARAGUAYAN LANDS
Vanucia Gnoatto **136**

- SAÚDE E GÊNERO: O ENFRENTAMENTO CIDADINO EM PORTUGAL ÀS
EPIDEMIAS NA ERA MODERNA LUSITANA E A REPRESENTAÇÃO DO CORPO DA
MULHER**
HEALTH AND GENDER: THE CITIZEN ADDRESS IN PORTUGAL TO EPIDEMICS IN
THE MODERN LUSITANIAN ERA AND THE REPRESENTATION OF THE WOMAN'S
BODY
Audrei Rodrigo da Conceição Pizolati **155**

- O SISTEMA DO PADROADO NA COMARCA DO SERRO DO FRIO: A ATUAÇÃO DO
PADRE SIMÃO PACHECO NA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
DA VILA DO PRÍNCIPE, MINAS GERAIS, 1723-1776**
THE PATRONAGE SYSTEM IN THE SERRO DO FRIO COUNTY: THE PERFORMANCE
OF FATHER SIMÃO PACHECO IN THE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO OF THE
VILA DO PRÍNCIPE, MINAS GERAIS, 1723-1776
Danilo Arnaldo Briskievicz **171**

AS MEMÓRIAS E SOCIABILIDADES DOS IMIGRANTES BRASILEIROS EM SUAS CHEGADAS E PRIMEIROS TEMPOS EM TERRAS PARAGUAIAS

THE MEMORIES AND SOCIABILITIES OF BRAZILIAN IMMIGRANTS IN THEIR ARRIVALS AND EARLY DAYS IN PARAGUAYAN LANDS

*Vanucia Gnoatto*¹

Resumo: O presente artigo visa analisar a chegada e os primeiros anos de estabelecimentos de imigrantes brasileiros no Paraguai, entre as décadas de 1970 e 1980, com o enfoque sobre as memórias de algumas trajetórias de imigrantes que se estabeleceram em alguns distritos dos departamentos de Alto Paraná e Itapúa, buscando perceber as sociabilidades e as redes associativas criadas por estes imigrantes. Trata-se de um estudo de história oral, na modalidade de histórias de vida. Inicialmente, partindo de fragmentos das memórias de trajetórias, analisaremos a chegada, após, o estabelecimento e, por fim, a nomeação dos novos lugares com nomes de antigos.

Palavras-chave: memória; redes; Paraguai; imigrantes.

Abstract: This article aims to analyze the arrival and first years of establishments of Brazilian immigrants in Paraguay, between the 1970s and 1980s, focusing on the memories of some trajectories that immigrants who settled in some districts of the departments of Alto Paraná and Itapúa, seeking to understand the sociabilities and associative networks created by these immigrants. It is a study of oral history, in the form of life stories. Initially, starting from fragments of the memories of trajectories, we will analyze the arrival, after the establishment and, finally, the naming of new places with the names of old ones.

Key words: memory; networks; Paraguay; immigrants

Introdução

O presente trabalho busca analisar a chegada de imigrantes brasileiros nas colônias surgidas nos departamentos de Alto Paraná e Itapúa, bem como o estabelecimento destes no local de destino entre as décadas de 1970 a 1980. Colônias que darão origem a novos distritos dentro destes departamentos, seguindo o modelo de organização trazido por estes imigrantes. Nesta análise das memórias da travessia, estabelecimento e formação destes distritos, buscaremos perceber como acontecem as sociabilidades e a constituição de redes familiares e sociais, com características associativas em terras paraguaias, seguindo os modos do lugar de origem ou passagem, como no caso da denominação de locais de estabelecimentos com nomes de antigos lugares.

As redes sociais tiveram papel importante, pois acabaram organizando e influenciando os comportamentos individuais. Estas se formam, se dinamizam e ao mesmo tempo migram, alteram-se e movimentam-se. Entre trocas e laços, doações e débitos, cortam territórios, trabalham como nós conectados por horizontes de várias dimensões e se

¹Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Bolsista FUPF. E-mail: vanuciagnoatto@gmail.com.

fortificam devido às demandas, distâncias, ausências, falta de relação entre os imigrantes. As redes tornam-se fortes com o agrupamento regional e de descendência. Unem-se devido aos objetivos comuns e intensões que se cruzam (TEDESCO, 2010). Dentro do processo migratório de brasileiros ao Paraguai, no estabelecimento e na criação de novos distritos as redes estarão presentes.

A emigração da qual os nossos entrevistados fazem parte se dá pela busca da propriedade da terra. Somente em um dos casos vemos que a opção por aquele país era por trabalho ou arrendamento, mas este também estava voltado à atividade agrícola. Porém este modelo de emigração para trabalho e arrendamento também levou inúmeros brasileiros para além-fronteiras. Estas emigrações ao Paraguai se inserem em um contexto histórico em que, na segunda metade do século XX, Brasil e Paraguai passam a ter uma aproximação e estreitamento de suas relações, através de vários acordos e obras, como a Usina Hidrelétrica de Itaipu. A estratégia geopolítica paraguaia era deixar de ser dependente economicamente da Argentina, algo que estrategicamente e geopoliticamente também era interesse do Brasil.

Ao mesmo tempo, a partir da década de 1960, o governo paraguaio passa a adotar uma política que visava à modernização agrícola da região fronteira com o Brasil o que englobava o departamento de Alto Paraná. Para isso, também se passa a incentivar a emigração de brasileiros para aquele país. Do lado brasileiro, o que motivou a saída da maioria dos emigrantes brasileiros foi, além da questão política dos dois países e do interesse do governo do Paraguai na colonização da Região Leste do país, o processo de modernização agrícola no interior do Brasil, mais especificamente, nos estados do Sul, empreendidos como política de Estado.

Esse processo, que se acentua na década de 1970, ocorre em um contexto em que na Região Sul, a grande maioria da população estava em pequenas propriedades, constituída por famílias numerosas, que, antes mesmo do processo de modernização, já enfrentavam dificuldades para permanecer em suas propriedades ou para adquirir terras, devido aos altos custos. Diante dessa realidade e devido aos baixos custos para a aquisição de terras e estabelecimento no país, o Paraguai tornava-se atrativo. Vale lembrar que nestes estados já havia uma imigração espontânea realizada por muitas famílias que, em busca de terras e de melhores oportunidades, inclusive no campo, emigram para o Paraguai.

Como método de estudo, utilizaremos entrevistas com questões chave, na modalidade de histórias de vida, realizadas tanto de forma presencial como de forma *online*, com base em pesquisas² anteriores e atuais. Para coletar a história de vida e entender a subjetividade das pessoas, o método privilegiado é a entrevista. A entrevista com o sujeito

² As entrevistas utilizadas foram realizadas por meio de pesquisa de campo (distritos fronteiriços do Departamento de Alto Paraná, municípios fronteiriços do oeste do Paraná) e/ou de forma *online*, com o aval do Comitê de Ética em pesquisa da universidade em que a autora é vinculada como discente. As mesmas aconteceram entre 2016 e 2021, para os estudos de monografia, dissertação e tese da autora, sendo o artigo também parte da dissertação, intitulada: Migrações, trajetórias e retornos: imigrantes brasileiros no Paraguai (1970-2018).

permite apreender:

[...] “o percurso geográfico das pessoas” e, principalmente, as razões do deslocamento. Ela permite um melhor conhecimento dos lugares geográficos onde viveram as pessoas entrevistadas, possibilitando captar a existência de “redes de parentesco”, muitas vezes “decisivas para a sobrevivência familiar ou a mobilidade social”. Por meio do *récit de vie*, é possível compreender porque as pessoas partiram, porque elas voltaram, ou porque elas permaneceram no lugar de origem (SILVA, 2010, p. 27).

Quanto à história oral de vida, para Silva (2010, p. 25, esta “é um método fundamental porque a biografia singular é, sobretudo, o *récit* de um destino único”. Ainda, para a autora, “não se refere a algo predeterminado, fora da vida dos indivíduos, porém à ideia segundo a qual a trajetória é forjada no contexto social ao qual o indivíduo pertence” (SILVA, 2010, p. 25).

Para o nosso estudo, escolhemos alguns trechos das histórias de vida de nossos entrevistados que nos dão a ideia da travessia entre países, da construção das moradias, da entreatada das famílias, da formação das comunidades, da importância das igrejas junto aos imigrantes, da formação de novos distritos e das denominações dos novos lugares com nomes de referência dos antigos lugares e, em meio a tudo isso, do papel da memória na manutenção de modelos de organização destes.

O percurso e chegada no Paraguai...

Segundo Albuquerque, os imigrantes brasileiros, provenientes de vários estados, entraram no Paraguai, em sua grande maioria, cruzando a fronteira entre o estado do Paraná e o departamento do Alto Paraná pela “fronteira seca” entre o estado do Mato Grosso do Sul e os departamentos de Canindeyú e Amambay. O autor acrescenta que:

Os principais lugares de entrada e de saída de brasileiros foram e são a Ponte da Amizade, o lago Itaipu e vários pontos da “fronteira seca”. Muitos entraram sem nenhum visto e quase sem nenhuma fiscalização. Principalmente na década de 1970, vários caminhões de mudança atravessavam o limite todos os dias, uns ficavam nas cidades e vilas fronteiriças e outros desapareciam no mato, cobertos pela poeira vermelha das primeiras estradas (ALBUQUERQUE, 2005, p. 86).

Os imigrantes brasileiros, segundo os relatos de entrevistados, ao adentrar no Paraguai, por enfrentarem quase todos as mesmas dificuldades, acabaram tornando-se bastante solidários entre si. A fala abaixo, de Josefa P. Kovalski, nos ajuda a entender um pouco como funcionava essa ajuda entre estes.

Nós viemos, os primeiros do município de Guarani das Missões, os primeiros imigrantes, [...]. E nós acolhemos alguma pessoa que vinha comprar terra, ficava em nossa casa hospedada. Eu cozinhava, até lavava a roupa para alguns (Josefa P. Kovalski, Raul Penã, 26 jul. 2018).

No relato de Josefa sobre a migração, aparece um elemento de fundamental importância para a ida e permanência das famílias: a ajuda e a acolhida aos imigrantes que adquiriram as suas terras naquela região. Pautado em uma política de viés econômico, o Paraguai favoreceu a abertura de portas aos emigrantes brasileiros. Além dessa hospitalidade do país aos brasileiros, a relação entre os migrantes que já se encontravam há mais tempo no Paraguai com os que estavam aos poucos chegando, foi muito pautada pela solidariedade, o que facilitou a adaptação ao país de destino.

Para Ramos, “a relação de hospitalidade pressupõe consideração do outro como semelhante”, logo, “trata-se de um convite para o exercício da sensibilidade, do questionamento dos próprios valores, da ética e, principalmente, da responsabilidade universal”. Ao mesmo tempo, “receber pode ser um exercício de poder sobre o outro, inserindo-o ou não em uma rede de relacionamento e oferecendo-lhes coisas que deveriam ser de seu direito, como elementos de um privilégio” (RAMOS, 2003, p. 28-31).

A solidariedade e reciprocidade, elementos que caracterizavam os familiares que permaneceram nas pequenas comunidades de origem desses migrantes, foram importantes em todo o processo de migração, fixação e de organização das novas comunidades. Na fala da L. F.³ podemos compreender um pouco mais:

Nós casamos num sábado e no outro sábado já estávamos aqui [Paraguai] de mudança [...]. Nós pagamos um caminhão lá [Brasil] e, com a nossa mudança, foram onze pessoas que nos mandaram coisas junto [...]. No nosso caminhão veio bastante comida, farinha, arroz, coisarada assim, até mandioca, tudo com os pés de mandioca, tudo assim sabe, carne, carne em lata. De lá mandavam, parente mandava coisas para mandar para os outros, coisa para trabalhar no mato. Nós trouxemos uma vaca e criações de porcos e galinhas. Assim, nós vínhamos (L.F., entrevista realizada via Skype, Naranjal, 08 ago. 2016).

Na migração da L. F. existe uma rede de solidariedade que se faz presente no percurso migratório. Nos relatos envolvendo a viagem, como no caso da nossa informante, percebemos a preocupação e a organização das famílias para a mesma. Maquinários, gêneros alimentícios de primeira necessidade, animais, plantas, móveis eram transportados em caminhões para as novas terras adquiridas no Paraguai. Os que migravam, contavam com o auxílio dos familiares que ficavam ou dos que moravam em cidades por onde iriam percorrer para entrar no Paraguai. Nos relatos de alguns imigrantes, estes mencionam a ajuda recebida pelos familiares que ficaram no Brasil, com alimentos, bens materiais e, também, dinheiro para as primeiras lavouras e para saldar dívidas contraídas com os bancos no Paraguai.

³ A pedido da família da entrevistada, utilizaremos somente as iniciais de seu nome.

Ao analisar a emigração de alemães para o Rio Grande do Sul, Woortmann (2000, p. 210) constata que a emigração, para eles, não era um projeto individual, mas sim um planejamento que envolvia família, parentes e vizinhos. Geralmente migravam grupos de pessoas aparentadas entre si ou da mesma aldeia e agregavam os solteiros (WOORTMANN, 2000) Essa estratégia também foi adotada pelos seus descendentes, emigrantes brasileiros que decidiram cruzar a fronteira e se instalar no Paraguai.

Na fala de Terezinha, transparece uma riqueza de detalhes sobre migração e chegada em novas terras. Depois de um dia fazendo os trâmites da mudança na aduana, ela e sua família começaram a travessia feita por meio de balsa até a colônia de Santa Rita, no ano de 1975:

Às vezes a gente passa e olha lá, aquele brete, onde nós entramos. Daí a balsa gurial! Uma balsinha, com... acho... oito tonéis e umas pranchas em cima quando nós viemos com a mudança, e no meio aberto, ixi!!! Daí o rio estava ainda meio cheio e aquela balsinha, para subir na balsinha, tinha que encostar uma prancha, outra prancha, daí outras pranchas [...]. Olha, eu passei tanto medo, tanto medo! Daí viemos de lá do [km] 26 até aqui, tinha duas pontes com prancha, o resto era tudo mata burro [...]. Daí o outro meu irmão estava segurando o Irineu [filho] assim, daí ele [filho] se levantou, olhou aquele buraco lá, o meu irmão começou a rir, o coraçãozinho dele era tuctuctuc de tanto medo (Terezinha Brand Böger, Santa Rita, 27 jul. 2018).

No relato claro e bastante descritivo de Terezinha percebe-se o medo da travessia de balsa, lembrança que esta ainda tem consigo quando atualmente passa pelo mesmo caminho próximo ao rio Monday que faz divisa com Santa Rita.

Imagem 1 - Balsa sob o rio Monday nos primeiros anos da colonização



Fonte: Acervo particular de Marcia Mesomo apud SZEKUT, 2018, p. 132.

As lembranças que vem à mente de Terezinha Brand Böger, ao visitar o lugar por onde ela e a família passaram, estão presentes em sua memória. Sobre a memória, Candau argumenta que ela nos dá a ilusão de que “o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança” (2012, p. 16). Para Rousso, a memória é definida como a “presença do passado”, pois “é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional” (2006, p. 95). Portanto, a memória é uma construção coletiva. Todavia, ela também tem caráter individual, pois “é o conjunto da personalidade de um indivíduo que emerge da memória. Origem do sentimento de continuidade temporal, condição necessária da representação da unidade do Eu” (CAUDAU, 2012, p. 61).

A memória é também um fenômeno que, quando construído de uma forma individual, pode ser consciente ou inconsciente. “O que a memória individual grava, recalca, exclui e relembra, é evidentemente o resultado de um trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 204). Para Woortmann, a memória sempre funciona no sentido de “trabalhar” o passado para criar o presente e construir o futuro. Segundo a autora, “a memória é sempre seletiva; ela não dá presença a um passado genérico, mas a determinados eventos, localizados em determinados lugares no espaço e no tempo, dotados de significado em contextos específicos” (2000, p. 213).

A memória da trajetória migratória é imbuída de um sentimento de heroísmo diante das dificuldades encontradas e superadas, como a falta de estrada, o isolamento, a falta de infraestrutura elétrica e água potável, de assistência médica e de escolas, além dos desafios para a abertura de novas terras cultiváveis, que eram, muitas vezes, realizadas com ferramentas pouco eficientes e de forma manual.

Hoje em dia, esse tipo de migração que nós enfrentamos eu acho que ninguém vai mais enfrentar. Entrar numa selva virgem ali, picadas abertas [...], quando chovia ninguém podia trafegar por ali adiante. Tem que ter muita coragem mesmo! E muita gente veio, por isso nós ficamos ali porque a maioria vinha do nosso país. Então, vieram de Santa Catarina, Paraná e de outras regiões, ali a gente foi se acostumando e trabalhando (I. F.⁴, entrevista realizada via Skype, Naranjal, 08 ago. 2016).

Por ter enfrentado e superado as adversidades encontradas em novas terras, o migrante é representado como vencedor. Desbravador de matas virgens que, com a força de seu trabalho, conseguiu transformar as terras em maiores produtoras de grãos da atualidade. A narrativa desses sujeitos sobre as dificuldades enfrentadas nas trajetórias e na inserção no Paraguai se assemelha, conforme identifica Sant’Ana (1991), à trajetória de muitos alemães que encararam como um ato heroico a travessia do Atlântico, que, para sua grande maioria, era definitiva.

⁴ A pedido da família do entrevistado, utilizaremos somente as iniciais de seu nome.

A colonização alemã torna-se resultado de medidas e atitudes coerentes, decididas e positivas. A miséria transformou-se em heroísmo. Os colonos são objetivos, decididos, corajosos e vencedores. No imaginário epopeico o abandono à própria sorte é uma grande e constante marca. O abandono de quem escapou da pátria mãe e não volta mais. A narrativa lembra o filho pródigo que jamais voltará. A epopeia colonizadora é a história do filho pródigo que não voltou (apud NEUMANN, 2013, p. 2).

Muitos desses imigrantes pioneiros carregam na memória um sentimento de intensa nostalgia ao lembrarem das dificuldades encontradas e superadas em família. As famílias eram a base dessa frente de expansão que, da mesma forma que nos demais processo migratórios, trabalharam duro e de forma conjunta para conseguir o que tanto almejavam. Cada conquista, como por exemplo, aquisição de maquinários ou a construção de poços artesianos, era muito celebrada. Com o tempo e o aumento dos recursos, os imigrantes foram realizando melhorias em suas moradias e propriedades. A casa era o símbolo da concretização do sonho do colono e de sua família em novas terras. Tratava-se de um espaço de socialização e de vivência de maior expressão familiar.

Nas terras adquiridas, muitas vezes não havia benfeitorias, como casas. Já em alguns casos, as propriedades adquiridas já possuíam moradias que, mesmo de forma modesta, possibilitavam a rápida instalação destas. Assim, provisoriamente os imigrantes permaneciam até poderem construir uma casa mais confortável e segura, como no caso do Nadir José Sirtoli, que assim descreve a sua casa:

Era um barraco feito de pau a pique, fechada de coqueiro em volta, coberta de tabuinha e repartida de coqueiro. Na parte da cozinha, tinha assoalho, na parte do quarto, era chão. Nem cama nós tínhamos, era feita de tarimba, feita de madeira, de pau fincado, quatro cepos e posto pregado. No lado, umas sete, oito lascas de coqueiro, que serviam de fundo da cama. Metíamos um colchão em cima. Nosso guarda-roupa era prego pendurado na parede, pendurávamos as roupas nos pregos. (Nadir José Sirtoli, San Alberto, 28 jul. 2018).

Algumas moradias eram apenas um casebre, outras eram uma casa um pouco melhor, ainda havia aqueles que permaneciam por meses ou até anos debaixo de barracas de lonas. A chegada às terras adquiridas e a construção da primeira casa é descrita por Olga:

Nós fomos lá, só debaixo de céu aberto, levamos lona para fazer o acampamento quando nós chegássemos. **Quanto tempo vocês ficaram debaixo de lona?** Eu só sei que eram vinte e um dias em que caiu geada, um dia mais forte que a outra. As minhas flores morreram todas debaixo das árvores. Levamos bastante tempo até conseguirmos lascas de tabuinhas e tábuas, de um metro assim, sabe? E coqueiro e tudo para [...]. Fizemos tudo de madeira redonda, tudo, chão batido era tudo (Olga Spies, Santa Terezinha de Itaipu, *online*, 25 fev. 2021).

Olga nos descreve em detalhes desde a chegada até a construção da casa, nos conta das dificuldades e dos meios e materiais utilizados para a construção a moradia da

família, que nos é apresentada aos fundos da foto, abaixo.

Imagem 2 - Primeira casa da família de Olga Spies (1978)



Fonte: Acervo pessoal de Olga Spies.

Ao mesmo tempo, a realidade encontrada muitas vezes desanimava quem vinha cheio de expectativas criadas pelas falas de quem já havia migrado. Para muitos, as terras do Paraguai não passaram de ilusão. As famílias já acostumadas com certo conforto nas terras de origem tiveram que se adaptar a uma vida simples e de privações. Mesmo a construção da primeira moradia, em muitos casos, poderia levar meses ou até anos, como Nelci Barcellos relata: “ficamos um ano, por aí, debaixo da lona, quase morremos, inchamos, não sei, ficamos tudo inchados, o rosto inchado, tudo, porque fazia mal o calor, não éramos acostumados” (Nelci Barcelos, Foz do Iguaçu, 16 jan. 2019). Essa e outras dificuldades que surgiram com a migração, levaram à divisão da família, pois os seus irmãos e Nelci, que já não haviam concordado com a decisão do pai de migrar, conforme conseguiam estabelecer contatos que oportunizavam empregos, logo saíam da casa paterna.

Sem condições financeiras de adquirir uma casa, Evani afirma ter vivido durante três anos debaixo de lona no Km 32, no distrito de Carlos Antônio Lopes, Departamento de Itapúa, Paraguai. Sobre os primeiros momentos no país novo, ela assim se expressa:

Lá [Paraguai] a vida era bem melhor, no começo. Era mais fácil de trabalhar, o sustento de vida era mais barato lá, era bom morar lá. Só que lá, a nossa vida era de peão, né, tu sabes como é? Peão mora um pouco aqui, mora um pouco ali. E daí, como nós fomos morar para lá, como nós não tínhamos condições de comprar uma casa, nada, nós fomos morar debaixo de uma lona [...]. Não tinha

porta e não tinha janela. E aparecia aquele leão baio, se o Marcelo [filho] chorava, ele também chorava. No começo esse Paraguai era sofrido! A gente morava um pouco aqui um pouco ali, procurando onde era melhor (Evani Terezinha Back, São Paulo das Missões, *online*, 26 jan. 2021).

O fato de morar três anos debaixo de uma barraca de lona, algo provisório, desconfortável e sem nenhum tipo de segurança, ao contrário de uma casa, de diferente material usado na construção, constituída como um espaço acolhedor e seguro, nos fala dessa condição de provisoriedade e temporalidade que o imigrante vivencia ao migrar para trabalho. Porém, mesmo com essa realidade sofrida e permeada de dificuldades nos primeiros anos de Paraguai, a entrevistada afirma que a “vida era bem melhor” se comparada à realidade em que viviam junto com os seus familiares em São Paulo das Missões, local em que os custos de vida eram bastante altos.

A frase da entrevistada “Só que lá, a nossa vida era de peão, né? Tu sabes que peão mora um pouco ali, mora um pouco aqui”, fala dessa condição de provisoriedade do imigrante que não consegue se fixar em um local, conseguindo deixar de ser peão e tornar-se patrão, no caso, proprietário, não deixando sua condição de estrangeiro, estranho, no novo espaço.

A experiência narrada por Evani difere das demais histórias de vida aqui retratadas, em que a aquisição de terras no Paraguai era o objetivo da emigração, pois apesar de realizarem diversas migrações no Paraguai, muitos só iriam conseguir suas terras quando retornassem para São Paulo das Missões. O caso de Evani representa aqueles que emigraram ao Paraguai e acabaram dedicando-se a trabalhos de empreitada, como funcionários, ou no arrendamento de terras de outros, que poderiam, por vezes, ser propriedade de imigrantes brasileiros também.

Redes de solidariedade e a sociabilidade nas colônias de imigrantes brasileiros

As redes sociais, de parentescos, migratórias e pessoais, foram acionadas por uma parte significativa dos imigrantes para auxiliarem na permanência no Paraguai, dando, por sua vez, origem a outras redes. Nessa realidade, os imigrantes que no local de origem cuidavam de si, mesmo residindo em comunidades interioranas, sentem agora a necessidade mais forte de retomar características próprias da vida de comunidade. Para o século XIX, Vendrame observa, entre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, “as redes de solidariedade e parentais – há tempos firmadas entre aqueles emigrantes – serviram de base para que novas relações de interdependência e reciprocidade fossem firmadas” (2010, p. 72).

Para Souchaud (2007), nos primeiros tempos após a migração ao Paraguai, poder contar com o apoio entre si, tanto na zona pioneira, como na área rural periférica, foi certamente um dos aspectos centrais de êxito nas primeiras décadas. Por outro lado, a fraca organização da frente nos seus espaços avançados e o pouco enraizamento no local de

origem, fizeram com que muitos pioneiros fossem expulsos facilmente a partir de uma frente onde eles não poderiam encontrar lugar. Esse apoio entre os imigrantes é descrito por Noeli, ao relatar as ações de seu pai junto à comunidade:

Papá ayudó a formar las comisiones para adquirir y construir los salones para la iglesia, colegio y demás, donde se hacían fiestas para recaudar fondos y entretener a la gente, y también costear los maestros que venían de otras zonas a enseñar, principalmente el idioma Español. Esto posibilitó a que mis hermanos menores tuviesen acceso a los estudios, lo que en aquel momento eran precarios (Noeli Maria Pasuch Rambo, Santa Rita, 07 set. 2016).

Além da ajuda para construção de igrejas, comunidades e escolas, na área da saúde, é importante ressaltar a entajuda existente entre os imigrantes diante de situações que necessitavam de um encaminhamento para hospitais. Esse foi um dos assuntos mais levantados pelos imigrantes entrevistados quando questionados sobre os primeiros anos no Paraguai, devido às dificuldades encontradas por estes para encontrarem um local que prestasse esse serviço.

Lo bueno es que no nos enfermamos porque no había ni puesto de salud, ni médico, ni nada y el camino para tener acceso además de ser a más de 70kms de camino de tierra había que atravesar una balsa también sobre el Rio Monday, hasta llegar a Foz de Iguazú. Y fueron muchas las historias a este respecto, recuerdo que una vez una mujer dio a luz dentro del auto de mi padre, porque no llegaron a pasar la balsa. En la época él era muy solicitado para hacer este tipo de transporte, ya que era uno de los pocos que poseía vehículo (Noeli Maria Pasuch Rambo, Santa Rita, 07 set. 2016).

Ainda, é importante considerar o papel de referência do município brasileiro de Foz do Iguaçu para os imigrantes. Diante de problemas ligados à saúde e mesmo a partos, era a essa localidade que os imigrantes recorriam nos primeiros anos. Somente com o passar dos anos e com a construção de hospitais nos distritos (municípios) paraguaios recém-criados, os migrantes começaram a buscar os serviços de saúde mais básicos em seus distritos.

A gente conseguiu comprar um carrinho, que na verdade era um Fusca na época né. E o meu serviço mais era trazer pessoas aqui para Foz [do Iguaçu] para tratar, porque criança no meio do mato doente, não sei o que [pausa]. Então, eu mais puxava doente aqui, para cá, do que trabalhava lá na roça [...]. Pessoa de longe vinha: "Oh, me leva lá, porque está doente e tal". Então, a gente trazia, e voltava e ia para a roça de novo (Lázaro Gonçalves, Foz do Iguaçu, 20 jan. 2019).

Como resalta Lázaro, Foz do Iguaçu torna-se uma referência na área da saúde, pois nas colônias os acidentes e doenças eram bastante frequentes devido aos imigrantes estarem isolados e, em muitos casos, no meio do mato. A proximidade dessas colônias com a fronteira e a familiaridade dos imigrantes com o outro lado da mesma, facilitava a obtenção de assistência médica por estes. Era em Foz do Iguaçu, também, que os imigrantes buscavam

outros serviços, até então, pouco ou não existentes, nas colônias recém fundadas, como no caso de escolas.

Conforme se estabeleciam em novas terras, os imigrantes começaram a se estruturar e se organizar com a construção de igrejas, escolas, criação de cooperativas, comércio, instituições, seguindo o modelo das antigas colônias, mas adaptados à realidade encontrada por eles em novas terras. Nesse espaço comunitário, foram surgindo lideranças políticas que buscavam resolver os problemas de ordem comum do grupo, o que demonstrava que os imigrantes eram agentes protagonistas no espaço ocupado. A foto abaixo mostra uma reunião com os primeiros moradores de Santa Rita.

Imagem 3 - Reunião de imigrantes brasileiros em Santa Rita



Fonte: HERRERA *et al.* (2010, p. 47).

Segundo Souchaud (2007), empreendimentos individuais articularam-se a amplas redes transfronteiriças ao redor de uma família ou uma comunidade religiosa, que se responsabilizou pela criação de uma colônia e estava na origem da constituição e organização do fluxo de migração. A solidariedade e a ajuda mútua entre estes sujeitos tornaram mais fácil a superação das dificuldades de viajar e romper o isolamento durante a instalação. Ao ser questionado sobre os pontos de apoio para os imigrantes, o ex-vereador de Santa Rita, Jacó Weler, afirma que:

O maior apoio era entre o próprio imigrante, porque, de parte do governo, no começo foi até meio complicado, porque era Strossner, ditadura, onde todos os policiais eram autoridades. E imagina, então, você, no interior entre os imigrantes, quantos abusos aconteciam, tinha muito pouco apoio da parte do governo. O que fortaleceu e fez com que crescessem mesmo as comunidades, foi o apoio mútuo dos imigrantes, uns com mais recursos, outros com menos. E desde o começo, líderes se destacando na luta pelos direitos do imigrante, com respaldo da igreja e com algumas autoridades, que eram mais flexíveis (Jacó Weler, Foz do Iguaçu, 17 jan. 2019).

O relato abaixo, nos mostra a atuação dessa rede de apoio que desempenhou, muitas vezes, ações que seriam de dever do Estado.

El lugar donde llegamos era una villa pequeña que dependía de una ciudad que a su vez también no era tan desarrollada (no tenía ningún servicio público, ni calles, ni nada por el estilo), aquí es importante resaltar el trabajo y la ayuda de los misioneros Scalabrinianos que tienen como carisma el trabajo con los migrantes y quienes eran autoridades en el lugar no solo a nivel religioso sino en todos los niveles, ayudaban en la parte judicial, en trámites de documentos y en todo lo necesario para que los migrantes se sintieran en casa. Y fue con ellos que se organizaron las construcciones de las primeras instituciones de la región que hasta hoy están. También contribuyeron a dar una seguridad emocional a los migrantes lo que ayudo a facilitar la adaptación (Noeli Maria Pasuch Rambo, Santa Rita, 07 set. 2016).

Como a entrevistada recorda, os religiosos, além do amparo espiritual e emocional, promoviam ações que, em teoria, seriam próprias do Estado, como a questão do encaminhamento da documentação de muitos imigrantes que não possuíam documentação paraguaia. Outra ação junto aos imigrantes se dava na intermediação da comunicação entre imigrantes e não imigrantes que, naquele contexto, era realizada basicamente através das cartas. Em sua fala, Plínio Seger recorda o papel de intermediação de comunicação entre os imigrantes e seus familiares no Brasil referindo-se a esse período “à época das cartas”:

Até 1900, eu tô chutando aqui, 1991, 1998, todo o período da irmã Olga, as cartas eram colocadas no fundo da paróquia de Santa Rosa [del Monday], [com] o nome das pessoas a quem eram destinadas, não tinha correio. As irmãs vinham em Foz [do Iguaçu], pegavam as cartas, classificavam e colocavam no fundo [da igreja]. No fim da missa, no recado dos padres, diziam: “Olhem as cartas, senão voltem à Foz, pode ter doença, pode ter isso, pode ter aquilo” [pausa]. E a irmã Olga ia junto com o padre nas comunidades entregar essas cartas quando estava escrito “comunidade tal”. Eu me lembro dessas cartas, vinha letra de todo tipo, vinha cultura no Brasil até [19]70, [19]80, um caos nas escolas (Plínio Seger, Foz do Iguaçu, 14 jan. 2019).

Essa sensibilidade em perceber a necessidade de comunicação entre os imigrantes e os seus familiares que permaneceram no Brasil, através da busca em Foz do Iguaçu das correspondências, e da entrega nas colônias destes no Paraguai, mostra a atuação dessa rede religiosa, que, como consequência, levará à mobilização de outras redes familiares e sociais entre os dois países. Pois estas, além de estarem informadas, prestaram auxílio, possibilitaram a movimentação de recursos financeiros entre os parentes e, também, a migração de familiares que estão morando no local de partida. Ainda, é importante lembrar que, nesse contexto, a única forma de comunicação, a não ser pessoalmente, se dava por meio das cartas.

Como nos lembra Silva (2007), destaca-se também a atuação da Igreja Luterana, que sempre esteve muito presente junto aos imigrantes. Nos movimentos migratórios, a fé é

um aspecto reforçado, vivenciado e cultivado. Segundo Ramos (2003), muitos imigrantes procuram nos templos e igrejas um contato entre os membros do grupo que acontece após o culto ou a missa. Nesses encontros, partilha-se a vida, as alegrias e dificuldades como uma forma de encarar a distância, a solidão e a angústia da saudade dos familiares. Ao mesmo tempo, é a forma de se criar redes sociais de solidariedade que auxiliam o imigrante no que ele necessita para se estabelecer.

Nomear novos lugares com o nome dos antigos

A prática ou hábito comum dos imigrantes brasileiros, ao se instalarem em novas terras no Paraguai, era a reprodução de nomes dos locais de partida. Nos distritos estudados, entre os imigrantes que partiram do Rio Grande do Sul, há referências à Cerro Largo, que em Santa Rita denomina um bairro, e à Santa Rosa, que, no Paraguai, denomina um distrito – Santa Rosa del Monday, com o acréscimo de Monday, rio próximo.

A ação de nomear novos espaços como o nome dos locais de partida é, também, percebida por Gregory (2008), ao estudar os colonos que saíram do Sul do país e se instalavam no Paraná. Em ambos os espaços, os sujeitos constituíram instituições, como igrejas, escolas comunitárias, associações e festas que existem no lugar de partida. Conforme o autor, “para os colonos das novas localidades, a nova identidade está sentada sobre a identidade antiga, cujas raízes estão na cidade natal”. Para o mesmo, “essa realidade alimentava o desejo de continuidade da pulsão migratória na medida em que o ‘novo’ se constituía no ‘velho’ renovado, possibilitando a reconstrução espacial”, o que diminuía o sentimento de perda, trazendo uma sensação positiva, resgatando e renovando o que foi deixado para trás (2008, p. 137).

Essa prática não se restringe apenas a denominações próprias que remetem ao Rio Grande do Sul. A reprodução das denominações próprias do local de partida também se deu entre aqueles que partiram do Paraná e migraram para o Paraguai. Silvina Rauber exemplifica essa prática no distrito de Naranjal onde veio residir com sua família paterna.

Depois que nós fomos para lá, foi muita gente aqui da região do Paraná, mas nós fomos os primeiros, porque o pai foi, ele era bem conhecido aqui [Missal] e, dali para frente, foi muita gente. E fundou várias comunidades com os mesmos nomes que tinha no Paraná: Nova Esperança, Linha 12, agora São Armando. Só mudavam um pouco nome, mas eram daqui conhecidos [...], os conhecidos iam levando um e outro (Silvina Rauber, Santa Terezinha de Itaipu, 15 jan. 2019).

A presença do pai da entrevistada no Paraguai possibilitou a migração de “conhecidos”, pessoas próximas a ele que residiam no Paraná. Essa rede criada entre os imigrantes leva à adoção de denominações de localidades brasileiras, com pequenas modificações ou incrementos de nomes locais. Esse costume já se percebia, também, entre os imigrantes alemães, no Rio Grande do Sul, na colônia Neu-Württemberg, cuja

denominação já indicava, conforme Neumann (2009), a probabilidade de criação de uma nova Württemberg no Brasil. Na colônia, os nomes de alguns lugares buscavam reconfigurar, de forma simbólica, a Alemanha que os migrantes deixaram.

Dessa forma, “na denominação das linhas coloniais, o imigrante ou descendente identificava as cidades ou regiões alemãs de origem: Leipzig, Stuttgart e Berlin, as quais formaram o núcleo inicial” (NEUMANN, 2009, p. 197). A autora acrescenta que, quanto aos nomes originais das ruas, os mesmos homenageavam pessoas envolvidas com a colonização, ligadas à Colonizadora, ou colonos que moravam no local, fato que também se deu em Santa Rita, PY.

Ao manter a nomeação dos lugares, segundo Beneduzi (2004), a nostalgia experimentada sensivelmente pelo emigrante no contato com o seu mundo imagético, deixado para trás, conduziu a um “jogo de colagens”. Assim, “ele [o imigrante] mescla com o novo ambiente, imagens evocativas de um passado e experiências que prefere não esquecer” (2004, p. 264-266). A reestruturação de relações de sociabilidade e sensibilidade vinculadas ao mundo passado, pelas quais os imigrantes passaram, levava a uma necessidade constante de reevocação da tradição e de preservação de restos desse mundo que vive enquanto representação na memória desses imigrantes, repassada de geração em geração (BENEDUZI, 2004). O caso da emigração de numerosas famílias brasileiras ao Paraguai só potencializa a evocação desse sentimento, levando a reproduzir, nesse espaço, instituições sociais e religiosas aos moldes das existentes nos locais de origem.

Nesse sentido, torna-se importante refletirmos sobre a importância da memória para esses sujeitos. Segundo Woortmann (2000), a memória consiste em lidar com o tempo, em construir o passado que, por sua vez, muda com o tempo. A memória torna presente o passado, que somente existe em função do presente. Porém, tudo depende do que seja esse presente, pois o presente dos colonos rurais é diferente daquele de seus descendentes e dos contemporâneos que ascenderam socialmente na cidade. Sendo assim, “o presente depende, pois, do espaço social dos sujeitos da memória, pois esta é menos uma memória de que uma memória para” (WOORTMANN, 2000, p. 233).

Na mesma linha, Pollak afirma que:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis (1989, p. 7).

A memória em comum possui como função “manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum em que se inclui o território (no caso de

Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum” (POLLAK, 1989, p. 9-10). O que significa dar um quadro de referências e de pontos de referências. O autor ainda acrescenta que “o que está em jogo na memória é o sentido da identidade individual e do grupo” (POLLAK, 1989, p. 9-10).

A memória, consoante Pollak (1992, p. 204), faz parte do sentimento de identidade individual e coletiva, “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Ainda, sobre a constituição da memória, Candau (2012, p. 18) acrescenta que:

[...] o jogo da memória que funda a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos: no domínio da identidade étnica, a completa assimilação dos indivíduos pode ser contestada pela sociedade que acolhe, desde que o trabalho do esquecimento de suas origens não tenha se completado.

Para este autor, ao mesmo tempo em que a memória nos modela, ela é também modelada. Isso resume “a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente e se apoiam uma a outra para produzir uma nova trajetória de vida, de história, um mito, uma narrativa. Ao final resta apenas o esquecimento” (2012, p. 16). Nesse sentido, ao se instalar em outro lugar/país, manter os nomes, os ritos, os laços parentais, as redes são uma forma de manter viva uma memória e construir uma narrativa sobre a epopeia da migração.

Logo nos primeiros anos, mais precisamente na década de 1970, a expressiva presença de imigrantes brasileiros nesse espaço possibilitou uma rápida adaptação destes às novas terras e à reprodução de modelos próprios de organização social e cultural presentes no país de origem, com a predominância da cultura do Rio Grande do Sul e de características étnicas alemãs e italianas. Isso levou a embates no começo das comunidades, em especial, em algumas constituídas de diferentes grupos de imigrantes que possuíam culturas diferentes e que haviam realizado diversas trajetórias migratórias, que entravam em atrito sobre o jeito melhor de se fazer. A fala de Pedro Darci Scholl nos dá uma ideia dessa situação, que é vivida por ele próprio ao migrar ao Paraguai, e, também, na migração anterior a esta, quando migrou para o Paraná.

Você chega num lugar e tem uma gente acostumada com um sistema de coisas e tudo, até nas próprias comunidades. Quando nós fomos para Missal, naquela linha de São Pedro era assim, os moradores dali tinham aquele sistema: “Porque lá no Rio Grande [Sul] [...]”, outro: “Lá nós tínhamos assim [...]”. Daí aqui [Santa Rita] a mesma coisa, quando chegamos aqui: “Lá nós éramos acostumados assim [pausa], aqui nós éramos acostumados assim [...]”. Até que vai dar uns dez, quinze anos, mais ou menos, [para] fazer uma base, conforme a comunidade vai trabalhar, porque cada um pensa que tinha que ser como era acostumado no seu lugar. Então, vem gente de todo lado, porque aqui, por exemplo, tinha os mineiros e os baianos, eles não têm nada da cultura que os gaúchos têm (Pedro Darci

Scholl, Santa Rita, 27 jul. 2018).

Observa-se, nessas colônias no Paraná, o cruzamento de várias trajetórias migratórias e grupos étnicos. As relações de alteridade, fronteiras étnicas e nacionais se constroem nesse mosaico. Frente ao “outro”, todos eram brasileiros, mas internamente havia distinções entre os grupos de imigrantes, o que, por sua vez, leva ao surgimento de conflitos entre os grupos, que possuíam visões diferentes sobre questões coletivas e que não conseguem conciliar.

Nesse sentido, esse passado é negociado, há disputas nos seus significados, entre uma infinidade de memórias. As mesmas podem estar fragmentadas, enquadradas, resistentes, representadas e ambíguas, estando sujeitas aos tempos, ao espaço e aos sujeitos que as produzem, das situações e conjunturas políticas e/ou de quem as expressam (TEDESCO, 2011). A partir dessas memórias, cria-se a identidade nessa região de fronteira.

Assim sendo, para esses imigrantes, a memória sobre as vivências nas terras de origem é elemento importante para a afirmação identitária deles em novas terras. Reproduzem, no lugar de destino nomes, e formas de organização, pois para eles, isso diz muito do que são.

Considerações finais:

Conclui-se, com base nas histórias de vida analisadas, o quanto eram estreitas as redes de auxílio entre os migrantes, formadas frequentemente por conhecidos, familiares, amigos e, muitas vezes, por migrantes que nem se conheciam. Contudo, pelo fato de terem feito a mesma migração, se tornavam solícitos uns com os outros, o que fazia com que a diáspora fosse menos dolorida e sofrida.

A análise das histórias de vida que narram a trajetória dos imigrantes entrevistados nos possibilitou compreender, através das memórias, os desafios enfrentados pelos migrantes, muitas vezes, descritos de formas épicas e emocionantes. Ressaltando o heroísmo de ter enfrentado inúmeras dificuldades encontradas em novas terras e de ter vencido, o imigrante torna-se um filho pródigo bem-sucedido que não volta para casa.

Para compreender a permanência desses imigrantes brasileiros em território paraguaio, é preciso considerar o local de recepção, ou seja, a hospitalidade. Nesse sentido, é importante destacar os pontos de apoio para a organização das comunidades em novas terras, como, no caso, as igrejas, associações e cooperativas que, aos moldes das antigas colônias, possibilitaram a permanência e o desenvolvimento dessas novas colônias que, com o tempo, foram constituindo importantes cidades.

A memória individual e coletiva para os imigrantes brasileiros, em especial, para os brasileiros do Sul, foi importante para a organização em novas terras, pois buscavam em denominações de localidades e distritos, reproduzir nomes que eram próprios do lugar de

origem e formas de organização em sociedades próprias do Sul.

Referências:

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais:** a imigração brasileira no Paraguai. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

BENEDUZI, Luís Fernando. **MAL DI PAESE: As reelaborações de um Vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'EU (1884 -1925).** 2004. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2012.

GREGORY, Valdir. **Eurobrasileiros e o espaço colonial.** Migrações no Oeste do Paraná (1940 -1970). 2ªed. Cascavel: Edunioeste, 2008.

HERRERA, Mirian Cristaldo de; *et al.* **História de la Ciudad de Santa Rita Alto Paraná Paraguay.** Trabajo de Metodología de la Investigación, Carrera de Psicología, Univerdad Nacional Del Este, Santa Rita, 2010.

NEUMANN, Rosane Marcia. **Uma Alemanha em miniatura:** O projeto de imigração e colonização étnico particular da colonizadora Meyer no noroeste do Rio Grande do Sul (1887-1932). 2009. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

_____. Migração: mobilidade social e espacial dos imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul. *In:* CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA REGIONAL, 2, 2013, Passo Fundo. **Anais[...].** Passo Fundo: UPF, 2013.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p.3 -15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, [s.n.],v.5, n°.10, p. 200-212. 1992.

RAMOS, Silvana Pirillo. **Hospitalidade e migrações internacionais** O bem receber e ser recebido. São Paulo: Aleph, 2003.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. *In:* FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral.** 8ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 93 - 102.

SILVA, Henrique Manoel. **Fronteiros:** as condicionantes históricas da ocupação e colonização do oriente paraguaio. A região de Katueté, no Departamento de Canindeyú 1970-2000. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina,

Florianópolis, 2007.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Mulheres trabalhadoras rurais: trajetórias e memórias. **RURIS**, São Carlos, v. 4, n 2, set., 2010.

SOUCHAUD, Sylvain. **Geografía de la migración brasileña en Paraguay**. Asunción: UNFPA/ ADEPO, 2007.

SZEKUT, Andressa. **Migrantes brasileiros no distrito de Santa Rita, departamento de Alto Paraná, Paraguai**: memórias, representações e territorialização. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

TEDESCO, João Carlos. **Estrangeiros, extracomunitários e transnacionais**: Paradoxos da alteridade nas migrações internacionais Brasileiros na Itália. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

_____. **Passado e presente em interfases**: introdução análise sócio-histórica da memória. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.

VENDRAME, Maíra Ines. “Nós partimos pelo mundo, mas para viver melhor”: redes sociais, família e estratégias migratórias. **Métis**: história & cultura, v. 9, n. 17, p. 69-82, jan./jun. 2010.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Identidades e memórias entre teuto-brasileiros: os dois lados do oceano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre: ano 6, n°14, p. 205-239, 2000.

Fontes:

Evani Terezinha Back, dona de casa, natural de São Paulo das Missões, RS, residente em São Paulo das Missões, RS, entrevista realizada por meio de vídeo chamada pelo *WhatsApp*, em 26/01/2021.

I.F., agricultor, natural de Crissiumal, RS, residente em Naranjal, entrevista concedida em 08/08/2016.

Jacó Weller, ex-vereador de Santa Rita, PY, natural de Cerro Largo, RS, entrevista concedida em Foz do Iguaçu, 17/01/2019.

Josefa P. Kovalski, natural de Guarani das Missões, RS, residente em Raul Penã, entrevista concedida em 26/07/2018.

Lázaro Gonçalves, aposentado, natural de Lavínia, São Paulo, residente em Foz do Iguaçu. Entrevista realizada em 20/01/2019.

L. F., agricultora, natural de São Sebastião do Caí, RS, residente em Naranjal, Paraguai.

Entrevista realizada em 08 e 25/08/2016.

Nadir José Sirtoli, natural de Aratiba, RS, residente em San Alberto, Paraguai, entrevista concedida em 28/07/2018.

Nelci Barcelos, cuidadora de idosos, natural de Saltinho, RS, residente em Foz do Iguaçu, entrevista concedida em 16/01/2019.

Noeli Maria Pasuch Rambo, cozinheira e dona de buffe, natural de Humaitá RS, residente em Santa Rita. Entrevista recebida em 07/09/2016.

Olga Spies, aposentada, natural de Tunápolis, SC, residente em Santa Terezinha de Itaipu, PR, entrevista realizada por meio de vídeo chamada pelo *WhatsApp*, em 25/02/ 2021.

Evani Terezinha Back, dona de casa, natural de São Paulo das Missões, RS, residente em São Paulo das Missões, RS, entrevista realizada por meio de vídeo chamada pelo *WhatsApp*, em 26/01/2021.

Pedro Darci Scholl, agricultor, natural de São Sebastião do Caí, RS, residente em Santa Rita, entrevista concedida em 27/07/2018.

Plínio Seger, professor e agricultor, natural de Selbach, RS, residente em Foz do Iguaçu, entrevista concedida em 14/01/2019.

Silvina Rauber, professora, natural de Santa Catarina, residente em Santa Terezinha de Itaipu, entrevista concedida em 15/01/ 2019.

Terezinha Brand Böger, natural de Gran Pará, SC, residente em Santa Rita, Paraguai, entrevista concedida em 27/07/2018.